



Bandeira Tribuzi: um jornalista na luta pelas liberdades democráticas dentro da esfera de poder local

José Ferreira Junior¹
Clarissa Pinheiro Gomes²

Resumo: O artigo pretende lançar luz e problematizar a atuação do jornalista e intelectual Bandeira Tribuzi no âmbito da imprensa maranhense durante o período do regime militar em que fundou, juntamente como senador José Sarney, o jornal *O Estado do Maranhão*, em um período no qual o chefe político ainda não havia consolidado sua liderança política na esfera estadual e ainda não tinha projeção nacional, a qual o levou, no ocaso da ditadura militar, a migrar para o principal partido de oposição, o PMDB, tornado-se candidato a vice-presidente na chapa de Tancredo Neves em 1985; e, posteriormente, presidente da República com a morte do presidente eleito pelo Colégio Eleitoral. O foco analítico é a atuação de Tribuzi, que além de jornalista foi poeta, músico e economista, na luta pela manutenção das instituições democráticas e pela hegemonia, no Maranhão, do grupo político vinculado ao senador José Sarney,

Palavras-chave: jornalismo; política; democracia; poder local; história cultural.

1. Introdução

A obra de José Tribuzi Pinheiro Gomes, o Bandeira Tribuzi, caracteriza-se pela vastidão do repertório e pela inserção na realidade maranhense, sendo ao mesmo tempo universalista em função da solidez intelectual, razão pela qual se encontram, de sua lavra, poesias referenciadas nacionalmente, dentre outras iniciativas, na coletânea *Os cem*

¹ Jornalista. Mestre e Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pós-Doutor em Literatura Brasileira pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

² Jornalista. Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

melhores poetas brasileiros do século, organizada por José Nêumanne Pinto. O poeta foi paralelamente jornalista, economista, planejador, músico, com apreciável destaque em todas essas áreas de atuação. Foi, certamente, um membro do que se poderia denominar de *intelligentzia* do Maranhão nos anos 1950, 1960 e 1970, centrando-se esse ponto de vista na essência da definição originária da Rússia Czarista: um grupo seleto de intelectuais de vanguarda de um determinado lugar.

Do pensamento à ação, Tribuzi ocupou funções públicas de notável relevância. No governo José Sarney (1966-1970), ele foi o responsável pelo planejamento em instituições cujo objetivo era o desenvolvimento econômico e social do estado, sendo exemplos emblemáticos a Superintendência do Desenvolvimento do Maranhão – SUDEMA – e o Banco de Desenvolvimento do Maranhão – BDM.

Na extensa atuação jornalística, fundou (com José Sarney) e dirigiu até falecer, em 8 de setembro de 1977, o jornal *O Estado do Maranhão*, diário maranhense de maior circulação atualmente; e, em seu desenvolvimento histórico, um elemento importante para a consolidação, em terras maranhenses, do *modus operandi* da prática jornalística moderna da segunda metade do século XX.

Este artigo terá como âncora teórica a perspectiva dos estudos voltados para a história cultural, ambientados no cenário histórico, político e cultural pelo qual passou o Maranhão no século XX, apontando-se para um período, os anos 1970, de estabilidade social e instabilidade política (CALDEIRA, 1978), em função das complexas relações entre grupos políticos dentro do próprio partido do governo militar – a ARENA – no âmbito da esfera estadual.

O aparente paradoxo de defender liberdades democráticas dentro de certa ordem estabelecida, vivido pelo jornalista Bandeira Tribuzi, é o centro das inquietações deste texto, estabelecendo-se como *corpus* de análise o suplemento “Sete Dias”, do jornal *O Estado do Maranhão*, do qual Bandeira Tribuzi era assíduo colaborador.

2. Alguns pressupostos a balizar a análise da obra de Tribuzi

No processo operativo da construção deste objeto de pesquisa, em uma imersão pela obra de Bandeira Tribuzi, podem ser destacados alguns pontos da tessitura da his-

tória cultural, ponto de vista teórico escolhido para esta análise. Para Gombrich, “nenhuma cultura pode ser inteiramente inventariada, mas nenhum elemento dessa cultura pode ser compreendido isoladamente” (GOMBRICH, 1994, p. 88), sendo este o motivo pelo qual todo e qualquer elemento, por mais que esteja com aspecto fragmentar, deve ser analisado e entendido em razão da coerência com os demais elementos do processo de produção/criação de Tribuzi, acentuando-se neste artigo a atuação do escritor no campo do jornalismo.

Essa opção conceitual leva a privilegiar processos e não, necessariamente, obras ou momentos singulares, sendo de grande valia o posicionamento de Roger Chartier:

O objeto fundamental de uma história que se propõe reconhecer a maneira como os atores sociais dão sentido a suas práticas e a seus enunciados se situa, portanto, na tensão entre, por um lado, as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, por outro, as restrições e as convenções que limitam – de maneira mais menos clara conforme a posição que ocupam nas relações de dominação – o que lhes é possível pensar, dizer e fazer. Essa observação é válida também para as obras letradas e as criações estéticas, sempre inscritas nas heranças e nas referências que as fazem concebíveis, comunicáveis e compreensíveis. (CHARTIER, 2009, p.49.).

Ao inserir esses pressupostos dos estudos da história cultural, tenciona-se construir pontes que liguem estes à literatura acerca da história política e social maranhense, rumando-se para uma análise em cujo cerne encontra-se a o momento cultural e político em que se encontrava o Maranhão durante o século XX, contexto no qual se insere a produção jornalística de Bandeira Tribuzi.

Homem pertencente a uma família da classe prestigiosa de comerciantes maranhenses, Bandeira Tribuzi teve a oportunidade de estudar na Europa e, ao regressar ao Maranhão, assistiu ao lento e ao progressivo processo de decadência do comércio da Praia Grande, tendo como consequência mais visível o fato de a elite (e seus descendentes) ter migrado do comércio para funções no aparelho do estado nas esferas municipais, estaduais e federais, algo comum em toda a região nordeste, por diversas circunstâncias (RODRIGUES, 1990).

Sobre a Praia Grande, há registros literários com refinado teor estético, como se verifica nas páginas iniciais da obra *O Mulato* de Aluísio Azevedo, ambientada na São Luís do Maranhão da segunda metade do século XIX. O sociólogo José Caldeira, assim

define, em sua fase crepuscular, o lugar que durante dois séculos foi o principal centro importador-exportador maranhense: “Nele, os sobradões azulejados, imponentes em seu aspecto vetusto, comprovam o período áureo da economia do passado do Maranhão, controlado por uma aristocracia” (CALDEIRA, 1980, p. 709).

3. O Homem e seu tempo

Bandeira Tribuzi, como anteriormente se relatou, foi escritor, poeta, jornalista, economista e músico maranhense, e ao longo de seus 50 anos de vida produziu como poucos. Há registros de escritos desde seus tempos de interno do Colégio Seráfico de Motariol, em Braga, Portugal, no qual estudou de 1937 a 1942 e onde publicou poemas em revistas da instituição franciscana, passando pelos seus anos de criação intensa, até sua morte, com obras publicadas postumamente. Sua produção é, antes de tudo, diversificada e conta com cerca de doze livros publicados, quase cinquenta poemas avulsos publicados em revistas ou jornais, artigos jornalísticos, letras e partituras de música, e trabalhos sobre a economia do Maranhão, uma vez que sua formação era em Ciências Econômicas (graduou-se na Universidade de Coimbra) e teve atuação na gestão pública ligado intimamente às questões econômicas maranhenses e sendo responsável por vários planos de governo.

Trajetória do jornalista

Conhecido em São Luís do Maranhão por sua carreira literária, Bandeira Tribuzi teve também uma vasta e veemente participação no jornalismo local, em que ficou registrada grande parte de sua produção intelectual, em forma de artigos, ensaios, crônicas e matérias, as quais hoje podem ser revisitadas em bibliotecas públicas e arquivos de periódicos. O escritor trabalhou como jornalista em alguns órgãos de imprensa da cidade. Entretanto, estreou na cena local com o suplemento literário *Malazarte*, em 1947/48, quando do lançamento da revista *Ilha*.

Entre 1950 e 1951, Tribuzi viveu em Fortaleza, colaborando com jornais e trabalhando em departamentos de comunicação social de algumas empresas. De volta à cida-

de natal, dedica-se ao jornalismo no *Jornal do Dia*, de 1956 a 59, quando é hora de uma nova mudança de ares. Bandeira vai para o Rio de Janeiro e trabalha na *Tribuna da Imprensa*, de 1959 a 1960. Em 1960, ele retorna a São Luís e, por sua formação em Ciências Econômicas, é convidado a ingressar como funcionário público no DNER (Departamento Nacional de Estradas de Rodagem), exercendo ali a função de economista e portando o cargo de Chefe de Relações Públicas. Nesta mesma época, por influência de amigos, retoma sua contribuição a alguns jornais locais atuando como redator chefe no *Jornal do Dia*, chegando a diretor de redação do *Jornal do Povo*.

Em 1964, Bandeira Tribuzi dirigia o *Jornal do Povo* quando as primeiras informações sobre as ações militares e políticas ocorridas em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo chegam ao Maranhão. Com o apoio do então governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto, o general Olimpio Mourão Filho deflagrou, em 31 de março daquele mesmo ano, a insurreição para depor o presidente João Goulart, acusado, pelos golpistas, de tentar implantar no Brasil um regime comunista.

Na maioria dos Estados, houve tumultos e agitação. Em abril de 1964, teve início, em São Luís, a execução de medidas mais duras e repressivas do regime militar. Tais medidas culminaram com a cassação do mandato de Neiva Moreira, então deputado federal pelo Maranhão. Em âmbito local, ocorreu a prisão de Bandeira Tribuzi, juntamente com outros escritores e jornalistas. O jornalista é destituído de seu cargo público por expressar, por intermédio da imprensa, seu descontentamento com a repressão política. Perde também seu espaço de militância no *Jornal do Povo*, que por 15 anos levantou a bandeira da resistência oposicionista e deixou de circular depois do golpe de estado. Essa militância intensiva³ aconteceu também em outros diários locais nos quais Tribuzi escrevia, sendo oportuno o registro feito pelo jornalista Edson Vidigal em *O Estado do Maranhão* anos depois:

Abril de 1964 pegou o ‘Jornal do Dia’ envolvido em plena mobilização anti-golpe. A manchete era uma palavra só – GORILAS* e por aí seguia em arrou-

³ Em suas memórias, o ex-dirigente comunista, Marco Antonio Tavares Coelho, se refere a uma passagem sua pela capital maranhense, durante a chamada Greve de 51, cujo objetivo era impedir a posse do governador Eugênio Barros, quando teve um rápido convívio com o poeta e militante político Tribuzi.

bos legalistas. Numa cercadura um ‘Manifesto do Povo Maranhense’ em favor da ordem constitucional e entre os primeiros a serem presos estavam os escritores Bandeira Tribuzi, Vera Cruz e eu. (VIDIGAL, 1989).

Após o golpe militar de 1964, enquanto esteve preso no 24º BC (24º Batalhão de Caçadores), o jornalista colaborou no *Correio do Nordeste*⁴, fundado por seu amigo Zuzu Nahuz, e teve, inclusive, a autorização do exército para acompanhar o enterro do amigo que morreria naquele mesmo ano.

Em 1965, com a eleição de José Sarney para governador do Estado, Bandeira Tribuzi volta a trabalhar no setor público, sendo agora responsável pelo planejamento governamental, mas não deixa de expor suas opiniões na imprensa. Nesta época, ele e seus amigos escritores ajudam a fundar mais um canal de notícias impressas na cidade, o *Jornal de Bolso*.

Tribuzi permanece no governo até o mandato de Oswaldo da Costa Nunes Freire, em 1975, quando deixa o cargo por incompatibilidade política com o governador designado pelo governo militar. Apesar de nunca ter deixado de escrever, daí em diante, dedica-se exclusivamente a suas paixões, dentre elas o jornalismo, como diretor de redação de *O Estado do Maranhão*.

O Estado do Maranhão

Bandeira Tribuzi e o amigo José Sarney compraram o *Jornal O Dia*, que estava em circulação desde 1959, e mudaram seu nome, homenageando seu estado natal e fundando o jornal *O Estado do Maranhão* em 1º de maio de 1973. Tribuzi notabilizou-se, na cena jornalística local, com matérias, editoriais e artigos que escreveu para o suplemento Sete Dias, criado por ele e pelo jornalista e colega de redação Pergentino Holanda⁵. Ali, tornou-se célebre pelas crônicas humorísticas e satíricas, de caráter político, intituladas PALMÁTRIA - foram 38 crônicas, publicadas em 1975, 1976 e 1977. O

⁴ O *Jornal do Povo* do qual Tribuzi foi diretor de redação deixou de circular logo após o golpe militar.

⁵ Posteriormente, Pergentino Holanda se consolidaria, ao longo de quatro décadas, como o colunista social mais prestigiado de São Luís.

jornalista ocupou o cargo de diretor de redação do jornal até sua morte, aos 50 anos, em 8 de setembro de 1977, data em que São Luís completava mais um ano de sua fundação.

4. A política do Maranhão no século XX

Durante do todo o século XX, política do Maranhão foi marcada por longos mandonismos (CALDEIRA, 1978). No período entre o Estado Novo e o Golpe Militar de 1964, o chefe político local era o senador Vitorino Freire pelo PSD (Partido Social Democrático), cuja liderança nacional era Juscelino Kubitschek, ex-presidente da República e então senador por Goiás, cassado pelo regime militar em 1964. Freire tinha como principal antagonista, na política maranhense, o jornalista e deputado Neiva Moreira do Partido Social Progressista (PSP), liderado nacionalmente pelo político paulista Adhemar de Barros. Neiva Moreira era proprietário em São Luís do *Jornal do Povo*. O deputado maranhense perdeu o mandato na primeira lista de cassações do governo militar, necessitando exilar-se após ser libertado da prisão em 1964 (NEIVA MOREIRA, 1989).

Em função do cenário após o golpe, o candidato de oposição ao vitorinismo, na eleição de 1965, foi o deputado pela UDN (União Democrática Nacional) José Sarney, que teve o apoio do governo militar para enfrentar o candidato do PSD, apoiado por Vitorino Freire, o deputado Renato Archer e o candidato do governador Newton Belo, rompido com o vitorinismo, Costa Ferreira. O resultado da eleição dá vitória a Sarney com maioria absoluta dos votos e um paradoxo se estabeleceu na política maranhense: alguns jornalistas e intelectuais que militaram na oposição ao vitorinismo foram trabalhar na administração de Sarney, sendo Tribuzi um dos líderes do grupo, sobretudo, na área de planejamento econômico. Ou seja: uma parte da esquerda foi encarregada de fazer o programa de governo da recém-criada ARENA (Aliança Renovadora Nacional), partido da situação que, juntamente com MDB (Movimento Democrático Brasileiro) da oposição consentida, dava uma tênue aparência legalidade ao regime militar.

Muito em função desses desdobramentos, o MDB (e posteriormente o PMDB) teve uma atuação, quase sempre, muito discreta, apresentando sinais de fragilidade evi-

dentes, como no caso da eleição parlamentar de 1974. No ano em que o MDB conquistou 16 cadeiras no Senado, o MDB maranhense sequer teve candidato a senador. O candidato único da ARENA foi Henrique de La Roque.

As disputas políticas mais acirradas giravam em torno das facções na própria ARENA. Um ingrediente novo é colocado a partir de 1975. O governador indicado para suceder Pedro Neiva de Santana, cuja escolha não teve o aval de Sarney, foi Osvaldo da Costa Nunes Freire, devendo-se a indicação ao ex-senador Vitorino Freire que, mesmo fora do Senado, ainda era um político influente, pertencendo ao diretório nacional da ARENA (FREIRE, 1978). As relações entre o grupo político do governador e o senador Sarney sempre foram tensas e se agravaram com as disputas nas eleições municipais de 1976. Como já havia sido estabelecido o mecanismo da sublegenda, as disputas se davam no interior do próprio partido situacionista.

No plano nacional, havia uma árdua disputa no interior do próprio governo militar entre os partidários da distensão lenta, gradual e segura, arquitetada pelo presidente Ernesto Geisel e ministro da Casa Civil, Golbery do Couto e Silva, e a chamada linha dura, representada naquele momento pelo ministro do Exército, Sílvio Frota. Fica evidente, ao se ler as páginas de *O Estado do Maranhão*, que a manutenção do calendário eleitoral era de suma importância para a carreira política do senador Sarney (àquela época senador pelo Maranhão), sendo algo também benéfico à abertura política então desenhada pelo governo. É reveladora a manchete de *O Estado do Maranhão* da edição do dia 24 de julho de 1977: “General Dilermando Monteiro. Direitos humanos não são bandeira esquerdista”. Ao dar destaque à declaração do comandante do 2º Exército, sediado em São Paulo, o jornal ia ao encontro da linha política da distensão, inclusive no aspecto não atribuir a ela a chancela da resistência à ditadura dentro e fora do país. Lutar por liberdades democráticas, naquele momento, e não para derrubar a ditadura, era uma estratégia de estudantes em várias cidades que reivindicam isso em manifestações de rua (GASPARI, 2004).

5. Tribuzi: política e literatura no suplemento Sete Dias

O ano da morte de Bandeira Tribuzi foi (1977) marcado pela intensificação da luta entre os dois grupos políticos locais e por cenário conturbado na esfera federal, havendo registros na colaboração de Tribuzi para o suplemento Sete Dias do jornal *O Estado do Maranhão*.

Constituindo-se na forma de um caderno de variedades, o suplemento Sete Dias, na formatação do ano de 1977, tinha um editorial que tratava de assunto ligado à política local, abrigava poesias, notícias sobre cultura, possuindo seções fixas, como era o caso das crônicas de Bandeira Tribuzi. Nelas, o jornalista fustigava o governo estadual, do qual o grupo político do senador Sarney fazia aberta oposição. Essa postura recorrente fica explícita, por exemplo, na edição de 3 de julho, na qual ele cobra um posicionamento do governo em favor da publicação de uma revista cultural que honrasse a tradição do estado de fornecer nomes que se destacam nas letras e nas artes. Ele finaliza deste modo:

Seria difícil tornar este sonho realidade? Não. Porque difícil é ter como tem o Maranhão valiosa matéria-prima cultural. Seria oneroso? Se a iniciativa tivesse patrocínio do poder público também não. Delapidada-se a fortuna pública com muitas coisas outras fúteis.

Para evitar o perigo do *presentismo*, a que se refere Robert Darnton (2005), impõe-se lembrar de que, à época em que a crônica foi escrita, não havia a Secretaria da Cultura, no âmbito estadual, nem o Ministério da Cultura, no plano federal e as leis de incentivo, sendo a demanda colocada por Tribuzi coerente com a tradição maranhense de valorizar um passado glorioso, sobretudo o século XIX.

Havia espaço também para o posicionamento político no sentido de abraçar avanços no plano da igualdade entre gêneros. Tribuzi, em 27 de agosto, externa seu contentamento com a eleição de Raquel de Queiroz para a Academia Brasileira de Letras: “Como me alegraria ver mulher de méritos ser guindada a qualquer dos mais altos cargos na administração pública ou na magistratura ou na cátedra”. O jornalista não se considerava um antiacadêmico, entretanto nunca se candidatou à Academia Maranhense de Letras.

6. Considerações Finais

Em um momento no qual se assiste a debates motivados pela criação da Comissão da Verdade, pelo governo federal, que se propõe colocar luz sobre uma época que sempre suscita controvérsias, mesmo com uma vasta literatura sobre o período, o resgate da atuação política, no território da resistência, de atores sociais no plano regional é algo ainda em construção. Talvez o que pareça peculiar na trajetória política e profissional de Bandeira Tribuzi não seja tão original no sentido de que outros indivíduos, premidos pelo ambiente político da ditadura, tenham também construído formas de resistência semelhantes a do jornalista maranhense.

Tribuzi morreu antes de o amigo Sarney ganhar relevância na política nacional, chegando à presidência da República; e, posteriormente, consolidando-se como liderança a quem os governantes não dispensam o apoio.

Há um detalhe importante quando se coteja o discurso dos jornais na década de 1970 no Maranhão: não aparece a expressão “oligarquia” para denominar o grupo político liderado pelo hoje senador pelo Amapá, José Sarney. A “oligarquia Sarney”, na atualidade estigmatizada nacionalmente, naquele momento era, se muito, embrionária e expunha fortes contradições internas.

Referências

CALDEIRA, José de Ribamar Chaves. Estabilidade social e crise política: o caso do Maranhão. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**. Belo Horizonte, n. 46, p. 55-101, 1978.

_____. Mudanças sociais no Maranhão. **Ciência e cultura**, v. 32, n. 6, p. 669-713, jun. 1980.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COELHO, Marco Antonio Tavares. **Herança de um sonho. As memórias de um comunista.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington. Um guia não convencional para o século XVIII.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

FREIRE, Vitorino. **A laje da raposa.** Rio de Janeiro: Guavira, 1978.

GASPARI, Elio. **A ditadura derrotada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **A ditadura encurralada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GOMBRICH, E. H. **Por uma história cultural.** Trad. Maria Carvalho. Lisboa: Gradiva, 1994.

GOMES, Clarissa Rodrigues Pinheiro. Tribuzi: o vento a balançar a bandeira. **O Estado do Maranhão**, Suplemento Especial, São Luís, 8 de setembro de 2012.

NEIVA MOREIRA. **O pilão da madrugada.** Rio de Janeiro: Editora Terceiro Mundo, 1989.

PINTO, José Nêumanne. **100 melhores poetas brasileiros do século.** São Paulo: Geração editorial, 2001.

RODRIGUES, Leôncio Martins. **Partidos e sindicatos.** São Paulo: Ática, 1990.

VIDIGAL, Edson. Havia brilho nas redações. **O Estado do Maranhão**, São Luís, 01 maio 1989.